



Organização Pedagógica de Espaços Colaborativos de Aprendizagem¹

Bruno GÂMBARO²
Nadir Rodrigues PEREIRA³
Tércia Zavaglia TORRES⁴

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e Embrapa Informática Agropecuária

RESUMO

A troca de informações e conhecimentos propulsionada pelos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) embasa mudanças culturais que impactam em todas as esferas da sociedade. Na educação as TIC favorecem a criação de espaços colaborativos de aprendizagem que privilegiam uma comunicação dinâmica e interativa entre os professores e os alunos. Este artigo, de caráter conceitual, parte da perspectiva educ comunicativa para propor um modelo de organização pedagógica de espaços colaborativos de aprendizagem no âmbito educacional. A adoção de um modelo que oriente a forma como os conteúdos devem estar dispostos contribuirá para tornar estes ambientes mais eficientes tanto no que se refere à dinâmica de apresentação e integração dos conteúdos quanto às interações pessoais que ocorrerão a partir deles e que são fundamentais para potencializar as aprendizagens.

PALAVRAS-CHAVE: espaços colaborativos, ambientes virtuais de aprendizagem, organização pedagógica, TIC.

Introdução

É inegável que as atuais Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) sejam consideradas os principais vetores do processo de desenvolvimento socioeconômico contemporâneo. Produzem mudanças sociais, econômicas e culturais que alteram não apenas as formas de produção e consumo de bens/serviços, mas, principalmente, a maneira como nos percebemos e comportamos no mundo.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestrando da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Pesquisador do Laboratório de Novas Tecnologias Aplicadas na Educação – Lantec/Unicamp. *e-mail:* brunogambaro@gmail.com

³ Jornalista da Embrapa Informática Agropecuária, especializada em Jornalismo Científico pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Mestranda da Faculdade de Educação da Unicamp. Pesquisadora do Laboratório de Novas Tecnologias Aplicadas na Educação – Lantec/Unicamp. *e-mail:* nadir@cnptia.embrapa.br

⁴ Analista da Embrapa Informática Agropecuária. Professora Titular da Universidade Paulista – Unip. Professora Adjunta da Faculdade de Paulínia – FACP. Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Bacharel em Administração pela Faculdade Católica de Brasília. *e-mail:* tercia@cnptia.embrapa.br; terciazavagliatorres1@gmail.com



As TIC impulsionam uma cultura participativa que leva as pessoas a buscarem novas experiências, crescerem, aprenderem e construir compartilhadamente novos significados e sentidos para a realidade que as cerca. Na base desta cultura encontra-se a transformação das formas de comunicação e relacionamento interpessoais.

A segunda geração da *World Wide Web* (Web 2.0) impõe uma lógica mais ativa e dinâmica na comunicação entre seus usuários dando a eles o poder não só de acessar informações com maior rapidez como, principalmente, de produzir e co-produzir novas informações. Jenkins (2008) argumenta que é justamente este aspecto interacional/comunicacional, inerente às atuais tecnologias, que determina o poder de transformar o funcionamento de instituições seculares, como por exemplo, as escolas. O poder que as pessoas têm de produzir novos conteúdos, colaborativa e coletivamente, aliado ao aumento do potencial de comunicá-los em diferentes linguagens e mídias é pois o fator preponderante que potencializa o espectro cultural da população fazendo transformar a sociedade.

Faccion (2010) assinala que nesta nova racionalidade interacional/comunicacional é muito mais fácil às pessoas acessar, compreender e se interessar por informações produzidas por alguém que represente suas realidades do que aquelas produzidas por pessoas que estão fora dos contextos com as quais se identificam.

A proliferação das TIC e a possibilidade que trazem de portabilidade e convergência, ou seja, de realizar diferentes funções e de distribuir conteúdos por diversas mídias propulsiona ainda mais uma dinâmica de produção de informações, conhecimento e saberes entre as pessoas.

A Web 2.0, neste contexto, é percebida como espaço de construção de sentidos que conecta palavras, frases, imagens, fatos, acontecimentos, histórias, situações, informações, conhecimentos, experiências e saberes a outros cujos significados remetem-se entre si (LÉVY, 1990). No âmbito educacional, estas tecnologias – por servirem de veículo comunicacional dialógico – colocam os alunos em um lugar privilegiado no processo de aprendizagem porque possibilita que se tornem os principais protagonistas deste processo.

Não restam dúvidas de que os recursos cognitivos que alunos e professores desenvolvem com o uso destas tecnologias trazem efeitos significativos sobre as experiências de interações que fazem em sala de aula e fora dela, potencializando as chances de aprenderem uns com os outros. Além disto, a partir do uso destas ferramentas é possível trabalhar integradamente e com maior eficiência os conteúdos



das diversas disciplinas, oferecendo aos alunos uma visão interdisciplinar que favorece a compreensão dos problemas reais sob uma perspectiva mais abrangente. Esta percepção leva-nos a admitir que o uso das TIC desenvolve, junto aos professores e alunos, mecanismos que favorecem um processo de aprendizagem contínua e autônoma. A educação hoje tem o papel de preparar e apoiar os alunos para que vivam em um mundo de mudanças contínuas. O principal desafio é de ensiná-los para terem um olhar reflexivo e crítico sobre a realidade e saberem propor alternativas de soluções integradas como fruto das aprendizagens construídas coletiva e colaborativamente.

É sabido que a complexidade da dinâmica de vida pessoal e profissional a qual estamos imersos requer a consolidação destes espaços de formação fluídos e atemporais que possa dar conta de prover os alunos dos conhecimentos e informações para acompanhar as necessidades exigidas. Por tal razão, multiplicam-se no âmbito das instituições de ensino (IE) a criação de espaços virtuais de aprendizagem como uma alternativa viável à construção de um processo de ensino e de aprendizagem eficiente e eficaz.

As IE devem, portanto, organizar e produzir conteúdos pedagógicos aportando-os em espaço virtual de aprendizagem, sabendo gerir e avaliar as formas de comunicação produzidas nele para possibilitar que assegure a intencionalidade educativa e ofereça os subsídios conceituais, metodológicos e práticos para os professores e os alunos ampliarem as chances de aprender e construir novos conhecimentos.

Nos ambientes virtuais de aprendizagem, os conteúdos pedagógicos devem ser integrados sob uma lógica comunicacional, além de estruturados/organizados em formatos diversos para permitir que os alunos exercitem sua autonomia e construam novas significações e sentido a partir deles.

Considerando o exposto, o presente artigo, de caráter conceitual, parte da perspectiva educ comunicativa para analisar e propor um modelo de organização pedagógica a ser adotado em espaços colaborativos de aprendizagem no âmbito educacional. Admite-se que a adoção de um modelo que oriente a forma como os conteúdos pedagógicos devem estar dispostos nos ambientes virtuais de aprendizagem contribuirá para tornar estes espaços mais eficientes tanto no que se refere à dinâmica de apresentação e integração dos conteúdos quanto nos relativos às interações pessoais que ocorrerão a partir deles e que são fundamentais para potencializar as aprendizagens.

O artigo está estruturado para: a) analisar a perspectiva educ comunicativa como um arcabouço teórico fundamental para a promoção de processos educativos em ambientes virtuais de aprendizagem; e b) apresentar um modelo de organização pedagógica para



ambientes virtuais de aprendizagem considerando-os como espaços colaborativos capazes de integrar os conteúdos e favorecer as interações pessoais entre professores e alunos.

Educomunicação em Ambientes Virtuais de Aprendizagem

As TIC oferecem um potencial para a construção de ambientes colaborativos, onde as interações sociais e a interatividade são estimuladas. Entretanto, é importante ressaltar que a tecnologia, por si só, não é capaz de promover a aprendizagem. Neste sentido, a educomunicação apresenta-se como uma proposta conceitual que visa apoiar o processo educativo, a partir de um campo dialógico que abarca essas duas áreas do conhecimento – a comunicação e a educação – na mediação do processo de construção do conhecimento de forma colaborativa.

Sob essa lógica comunicativa, busca-se transpor o modelo difusionista da transmissão de conhecimento e saber unidirecional rumo a um novo paradigma amparado na participação coletiva, que entende a comunicação como um processo social criado pelo compartilhamento de informação e experiências que se dá nas interações entre os sujeitos. Neste sentido, as TIC favorecem a criação de espaços virtuais sob a forma de comunidades, onde as trocas, o compartilhamento e as relações interpessoais podem ser intensificadas. “A mudança trazida pelas TICs no centro do trabalho educativo suscita uma pedagogia que favoreça o aprendizado individual e coletivo de modo cooperativo, em rede (LIMA; PRETTO e FERREIRA, 2005, p. 240)”.

As ideias centrais da teoria epistemológica de Piaget (1998) reforçam que a autonomia moral e intelectual do indivíduo se dá a partir da construção do conhecimento que ocorre pelas interações e “trocas intelectuais” que levam ao desenvolvimento do pensamento, à cooperação, à reflexão sobre as ações e contradições, até a tomada de consciência.

Nos ambientes de aprendizagem construtivistas enriquecidos pela telemática, o estabelecimento de canais de comunicação e a descoberta das possibilidades de utilização de recursos ou ferramentas caracterizam-se por processos de apropriação ativa, baseados na exploração da rede e na construção cooperativa de conhecimento (NEVADO; MAGDALENA e COSTA, 2002, p.57).

Desta forma, para a inserção das TIC no contexto educativo, é salutar adotar uma metodologia pedagógica que favoreça a contribuição e o fazer junto em espaços que privilegiem o compartilhamento de ideias, as construções coletivas e as discussões e



reflexões em grupo. Os recursos tecnológicos que caracterizam as novas mídias e permitem a interatividade e a mobilidade devem estar agregados a um modelo que reúne as múltiplas possibilidades de organização de conteúdos educacionais, oferecendo várias fontes de informação sob os mais diversos formatos, aliado a uma metodologia baseada em práticas interativas e interdisciplinares.

Conforme Moraes (2002), trata-se de superar o caráter instrucionista da educação em prol da função construtivista, adotando novas abordagens nos sistemas educativos e “novas práticas pedagógicas que reconheçam o aprendiz em sua multidimensionalidade, ao mesmo tempo em que favorecem a aprendizagem individual e coletiva a partir do balanceamento adequado das dimensões construtiva e informativa dessas ferramentas”.

Essa necessidade de mudança de paradigma que emerge com a convergência tecnológica impele a uma nova postura em relação aos ambientes de aprendizagem e à cultura participativa trazida pelas articulações das comunidades em rede que ocorrem nos espaços virtuais. As novas práticas pedagógicas que se vislumbram no contexto cooperativo e colaborativo, amparadas pelos recursos midiáticos, podem representar uma inovação no processo educativo, na medida em que têm o potencial de despertar a criatividade, a reflexão e a ressignificação de saberes pelos sujeitos interatores que se encontram interconectados.

Ainda nessa perspectiva, entende-se que é possível dar aos sujeitos a oportunidade para a inclusão social e digital, uma vez que não é somente a falta de acesso às tecnologias comunicacionais que causa a desigualdade social, mas esta expressa-se “também na capacidade do usuário de retirar, a partir de sua capacitação intelectual e profissional, o máximo proveito das potencialidades oferecidas por cada instrumento de comunicação e informação (SORJ, 2003, p. 59)”. Nessa abordagem conceitual, a comunicação é entendida

[...] como eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são re-situados a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2000b, p. 20).

As TIC integram, portanto, uma ação comunicativa inerente a um ato educativo e, como tal, delinea uma matriz ecológica que contribui para abrir nos espaços educativos relações dialógicas entre os aprendizes e entre estes e outros atores do processo de aprendizagem e de construção de conhecimentos (SOARES, 2000a).

Ao serem introduzidas no âmbito educacional, no final da década de 60 do século passado, estas tecnologias abriram possibilidades para que os alunos aprendessem



fazendo; recebendo *feedback*; refinando continuamente a compreensão sobre seus problemas; desenvolvendo novos conhecimentos; acessando novas informações e dados, etc., ou seja, tornando-se mais ativos nos seus processos de construir novos conhecimentos e de aprender (BRANSFORD et al., 2007). Por possuírem um caráter dialógico, participativo e colaborativo, as TIC são utilizadas para: trazer para a sala de aula aqueles currículos fundamentados em problemas do mundo real; apoiar e favorecer a aprendizagem entre os alunos e professores; oportunizar e estimular a reflexão; promover a relação interdisciplinar entre conceitos; enriquecer o processo pedagógico.

A Web 2.0 configura-se numa proposta mais democrática que facilita não só o acesso, mas possibilita usar, interagir e transformar conteúdos, resignificando-os e produzindo novos conhecimentos. Por meio de *blogs*, *chats*, portais interativos, comunidades virtuais, fóruns de discussão, repositórios digitais, redes sociais de relacionamento e conhecimento, a produção no espaço virtual é dinâmica, horizontal e interconectada, permitindo um papel mais ativo e atuante dos sujeitos, num sistema de coprodução. A colaboração e a coprodução são fatores essenciais no processo de aprendizagem, permitindo a construção da inteligência coletiva (LÉVY, 2007), a partir de uma rede de conhecimento em que os agentes deixam de ser simples consumidores e tornam-se também produtores de conteúdos.

As TIC, em especial as ferramentas da Web 2.0, no espaço educativo ampliam as interações e as trocas de experiências educativas, criando novas competências, consolidando-se como canais capazes de estabelecer e fortalecer relações de aprendizagem entre professores e alunos e destes com seus pares, num ambiente que favorece a implantação de estratégias que levem a um novo modo de pensar e agir, integrado e associado à realidade dos interlocutores.

Organização Pedagógica de Ambientes Virtuais de Aprendizagem

É notório o crescimento do uso da Web nos vários setores da sociedade. Machado (2008) argumenta que no segmento educacional isto se deve tanto ao aumento da oferta de conexão e da possibilidade de acesso a bens digitais pelas escolas, professores e alunos quanto ao barateamento dos computadores e ao estabelecimento de políticas públicas de modernização da escola e de capacitação dos professores.

No Brasil a existência de ações como o Programa Nacional de Tecnologia Educacional – Proinfo Integrado, uma iniciativa do Ministério de Educação em parceria com os governos estaduais e municipais, tem contribuído para promover a utilização destes artefatos nas escolas públicas, fornecendo infraestrutura tecnológica e formando professores para o seu uso, e oferecendo conteúdos educacionais e ferramentas de interação e comunicação dentro de um ambiente de convergência de mídias e de programas que visam a produção de conteúdos educacionais (BIELSCHOWSKY, 2009).

A simplicidade de uso; o compartilhamento de informações; a possibilidade de publicar, acessar, editar e participar democraticamente para dar opinião e intervir em questões de interesses comuns são algumas das principais características que tornam a Web 2.0 um espaço de aprendizagem. De fato, estas ferramentas potencializam as interações entre professores e alunos, favorecendo a modificação da pauta de comportamento deles e permitindo-lhes que façam outras relações com o mundo e as coisas que os cercam. A Figura 1 apresenta as principais características desta plataforma sinalizando sua filosofia, modelo e ferramentas de distribuição de conteúdos que contribuem para torná-la uma plataforma participativa e possibilitadora da aprendizagem colaborativa.

Figura 1- Características da Web 2.0.



Fonte: Machado (2008).

A aprendizagem que ocorre em um ambiente virtual mediado pelas ferramentas da Web 2.0 pode ser entendida como o resultado de um processo de interação social. Isto sinaliza que as pessoas são fontes referenciais que servem de base para nossos comportamentos e raciocínios, assim como para os significados que damos às coisas (DAMIANI, 2008).

Souza, Torres e Amaral (2010) destacam que no âmbito educacional deve-se criar espaços virtuais fundamentados em modelos de aprendizagem que priorizem a construção colaborativa e participativa de alunos e professores devendo tais espaços “[...] atender às necessidades educativas do projeto pedagógico, considerando as experiências anteriores e favorecendo a produção de objetos digitais de aprendizagem que privilegiem a dialogicidade e a interatividade entre professor e aluno”.

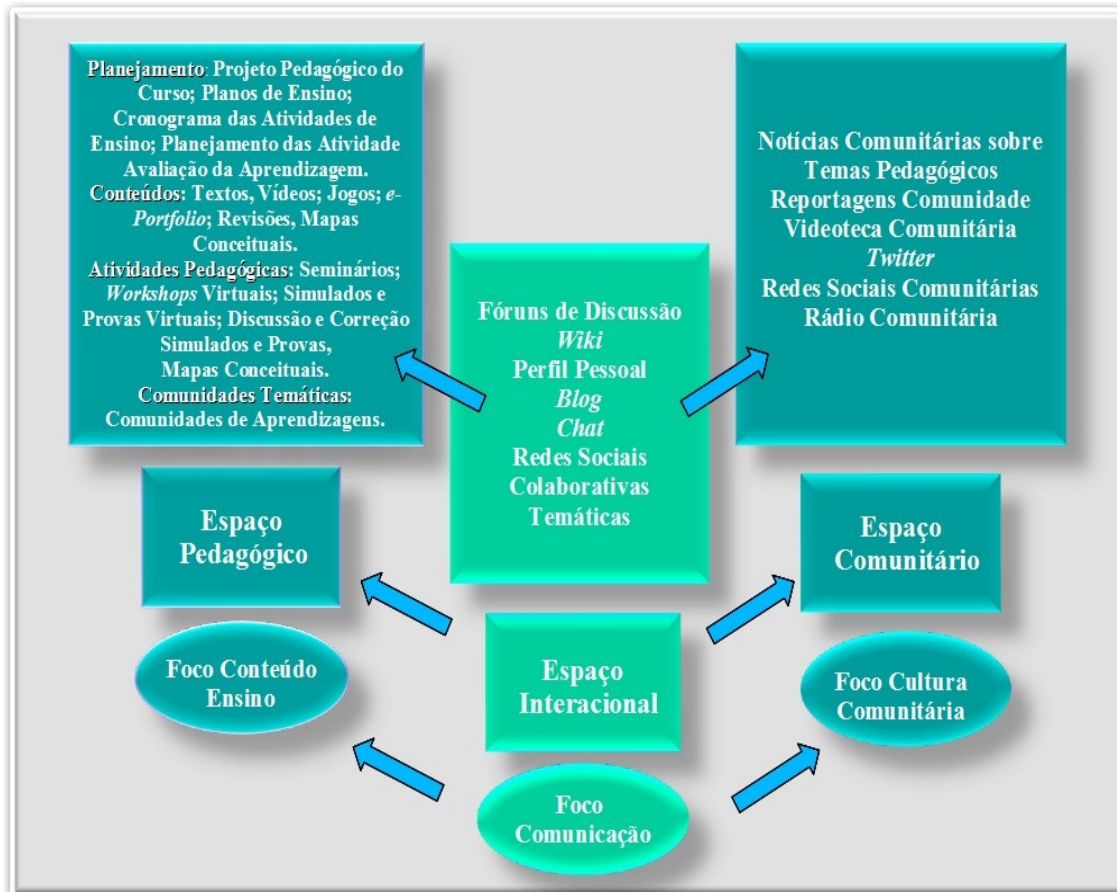
Neste sentido a abordagem construtivista serve de suporte à criação de ambientes virtuais de aprendizagem. Esta abordagem entende que a aprendizagem ocorrida a partir do trabalho coletivo oferece mais chances das pessoas aprenderem, propulsionando uma aprendizagem colaborativa. Para Vygotsky (1998), as pessoas são peças importantes e indispensáveis de todo o processo dialógico que permeia as interações sociais. Sem o ‘outro’ não há desenvolvimento humano e as aprendizagens não se realizam.

Pode-se afirmar que as pessoas se desenvolvem e aprendem mais quando estão em um processo de construção do conhecimento, quando compartilham significados e representações comuns, quando comunicam e discutem seus pontos de vista, quando examinam e aperfeiçoam suas ideias ou ainda quando estabelecem um diálogo multidirecional na qual as soluções propostas são revisadas, ampliadas, modificadas ou contrapostas (LAVE; WENGER, 1991 e ENGESTRÖM, 1994).

Entretanto, para se adotar as TIC como um espaço de aprendizagem considerando a abordagem construtivista, é essencial criar um modelo de organização do espaço virtual para maximizar as oportunidades dos alunos interagirem. Admite-se que não basta apenas estabelecer as características principais do ambiente; é preciso, também, definir como os conteúdos se integram para facilitar, de um lado, o modo como os alunos devem usá-lo e, de outro, a aprendizagem colaborativa (SCHLEMMER; SACCOL; GARRIDO, 2007).

Partindo das ideias de Torres et al. (2010) sobre a construção de ambientes colaborativos, propõe-se como modelo de organização pedagógica destes espaços uma trilogia conceitual composta pelos seguintes constructos teóricos: Conteúdos, Comunicação e Cultura Comunitária. Esta trilogia sinaliza a interdependência entre os conceitos e a necessidade de propor formas compatíveis e adequadas de organização pedagógica do espaço virtual cuja lógica potencialize as vantagens inerentes às ferramentas da Web 2.0 de promover aprendizagens entre os alunos e os professores.

Figura 2- Características da Web 2.0.



A Figura 2 apresenta uma lógica de organização pedagógica que parte dos três constructos teóricos para focar três formas representativas de organizar espaços virtuais de aprendizagem no âmbito educacional. Assim os constructos conteúdos, comunicação e cultura comunitária, respectivamente, alimentam racionalidades que delineiam formas específicas de organizar os espaços pedagógico, interacional e cultural comunitário. Embora a análise a seguir parta dos constructos para descrever os espaços e sua importância para a aprendizagem colaborativa, isto não significa que sejam pensados isoladamente; antes, pelo contrário, encenam elos interdependentes que se interconectam e se influenciam mutuamente. Isto implica dizer que na prática a organização pedagógica destes ambientes virtuais requer ações simultâneas e iterativas de planejamento, acompanhamento e controle que recaiam integradamente em todos eles.

O modelo de organização pedagógica, proposto na Figura 2, se fundamenta na concepção educomunicativa que entende a comunicação como parte integrante do ato educativo. A comunicação é um constructo que no escopo do modelo proposto para a organização pedagógica de ambientes virtuais compõe o fio condutor do espaço interacional sendo também o elo entre os dois outros espaços: o pedagógico e o



comunitário. A comunicação é o elemento essencial que norteia a troca de informações, experiências, saberes e conhecimentos entre os alunos, acontecendo por meio de ferramentas como fóruns de discussão, *wiki*, *blogs*, *chat*, redes sociais colaborativas temáticas etc., a partir dos conteúdos que estão aportados no espaço pedagógico.

A essência do constructo comunicação está no fato dele permitir a colaboração e na possibilidade que oferece aos alunos e professores de aprenderem uns com os outros – para colaborar, ambos devem comunicar-se entre si, criando, gerando, exercitando, consolidando e institucionalizando um conjunto de regras, valores e crenças que apoiam tanto as ações de colaboração quanto as de aprendizagens e geração de novos conhecimentos. Nesta perspectiva, a comunicação é vista como algo processual e interativo que, simultaneamente, ajuda na organização do espaço pedagógico e no estabelecimento do espaço comunitário. A comunicação também possibilita aos professores gerenciar as atividades e os recursos adotados para promover o processo de aprendizagem, permitindo que evitem os conflitos e a perda dos esforços de interação e de colaboração entre as pessoas.

O conteúdo é outro constructo que compõe a trilogia conceitual proposta para o modelo de organização de conteúdo pedagógico para ambientes virtuais de aprendizagem. No centro dele insere-se a noção de que planejar a forma como os conteúdos pedagógicos devem ser estruturados é uma ação fundamental porque garante que o trabalho coletivo e colaborativo seja resultante do esforço conjunto da realização das tarefas dadas aos alunos para que se apropriem deles visando tornarem-se os principais atores e edificadores de uma realidade mais adequada e coerente aos interesses sociais/comunitários.

Estruturar os conteúdos pedagógicos de forma coordenada e interdisciplinar, além de promover um esforço adicional para que a colaboração seja obtida a partir da soma dos esforços individuais, permite também que os alunos entendam como devem ser articulados e integrados às atividades cotidianas favorecendo a construção de novos significados e sentidos e possibilitando a geração de novos conhecimentos. Nesta perspectiva, a organização do espaço pedagógico inclui as etapas de planejamento pedagógico; produção/publicação de conteúdos; elaboração de atividades pedagógicas e criação de comunidades temáticas cujo propósito é promover discussões aprofundadas e integradas sobre temas relevantes aos conteúdos disciplinares constantes do planejamento pedagógico.



Esta estrutura de organização proposta para o espaço pedagógico é de extrema importância porque permite aos professores pensarem nos diversos formatos nos quais os conteúdos podem ser dispostos no ambiente como, por exemplo, textos, vídeos, jogos, imagens, mapas conceituais e também nas diferentes tarefas e atividades educacionais, individuais e/ou coletivas, que podem ser desenvolvidas com as ferramentas dispostas no espaço interacional do ambiente (fóruns de discussão, *wiki*, *blogs*, *chat*, redes sociais colaborativas temáticas etc.). Toda esta estruturação dos conteúdos torna-se uma ação determinante à potencialização da colaboração entre os alunos porque envolve a identificação dos objetivos do trabalho, o seu mapeamento em subtarefas e a seleção das possibilidades de como os alunos devem executá-las. O acompanhamento destas atividades pedagógicas pelos professores junto aos alunos é fundamental para o processo de aprendizagem que ocorre em ambientes virtuais.

Cabe, portanto, aos professores observarem as trocas comunicacionais que os alunos fazem no espaço interacional quando executam as atividades propostas e intervirem para coordenar e/ou negociar, gerir conflitos, estabelecer novos contratos sociais, discutir alternativas de soluções para os problemas emergentes. Cabe, ainda, aos professores a tarefa de avaliar, analisar e refletir sobre o aprendizado adquirido pelos alunos ao longo do processo de realização das tarefas e a documentação destas junto às diversas ferramentas do ambiente virtual, de forma que o mesmo possa servir como caso de estudo para novos aprendizados.

A cultura comunitária é o terceiro constructo teórico do modelo de organização pedagógica proposto. Representa um conjunto de normas, valores, crenças, condutas e significações coletivas construído pelas pessoas da sociedade. No modelo proposto, a cultura comunitária é entendida como um produto do aprendizado comunitário e se desenvolve através do compartilhamento de um conjunto de crenças, valores, símbolos e normas; portanto, na interação social que ocorre entre os alunos quando são expostos a problemas reais peculiares à comunidade social a qual pertencem. Nesse sentido, a cultura comunitária é um constructo que deve nortear ações para promover nos alunos um espírito coletivo pautado por objetivos comuns que os leve à reflexão sobre a realidade que os integra, favorecendo o aprendizado e a geração de novos conhecimentos (SCHEIN, 1997).

O diálogo entre cultura comunitária, aprendizagem e criação de novos conhecimentos é direto porque os alunos, ao vivenciarem os problemas reais ou na articulação dos conhecimentos teóricos à realidade, estarão colocando em prática os conceitos



aprendidos e desenvolvendo habilidades e destrezas para realizar coisas concretas ou procedimentais que lhes permitem aprender técnicas, estratégias e, principalmente, desenvolverem o metaconhecimento⁵ (POZO, 2002). A cultura comunitária torna-se assim um campo fértil e propulsor de novas aprendizagens porque constroi um sistema no qual os alunos podem se tornar mais capazes de elaborar, interpretar, categorizar e memorizar as expectativas coletivas, utilizando-as como guia de ação (GOMES, 2000). Os alunos se apropriarão dos conteúdos pedagógicos quanto mais se relacionarem com o contexto cultural a qual pertencem. Portanto, torna-se imprescindível estabelecer um espaço pedagógico intitulado de comunitário no qual conteúdos produzidos por outros atores sociais, fora do espaço da educação formal, estejam disponíveis no ambiente virtual para que os alunos possam refletir sobre as distintas formas de interpretar os conceitos subjacentes aos conteúdos pedagógicos exercitados no ambiente virtual analisando maneiras, métodos, estratégias, procedimentos e práticas adequadas e compatíveis para aplicá-los sem esquecer que são eles próprios parte integrante da solução.

A participação de outros atores sociais, além dos alunos e professores, na discussão de problemas concretos da realidade comunitária, no espaço comunitário, se dará por meio das redes sociais; da criação de videotecas comunitárias e de espaços virtuais para dispor reportagens feitas por indivíduos da comunidade sobre temas de interesse comum à sociedade; e da disponibilização de notícias e/ou informações produzidas por jornais, revistas, televisão e/ou rádio etc. Todas estas ferramentas abrem novos leques de possibilidades para que os professores rediscutam e/ou reinterpretem com os alunos os conteúdos aportados neste conjunto de informações advindos da comunidade social à luz das discussões conceituais, teóricas, práticas e éticas, beneficiando um aprendizado significado de base coletiva e colaborativa.

Conclusões

A prática educacional hoje se encontra envolta em uma realidade social contextualizada por tecnologias propulsoras de mudanças socioeconômicas e culturais que alteram constantemente nossa forma de comportamento e relacionamento. Partindo da perspectiva da Educomunicação, de base construtivista que visa à comunicação como

⁵ Capacidade dos alunos saberem quais conhecimentos usaram e como os articularam para desenvolver uma tarefa pedagógica e/ou prática.



um processo social em que a construção de conhecimento ocorre por meio das interações, defende-se a incorporação das potencialidades oferecidas pelas TIC, principalmente a Web 2.0, dentro das IE.

A utilização destas ferramentas pelas IE tem contribuído para promover a criação de um espaço virtual de aprendizagem voltado para uma cultura participativa e de compartilhamento promotora da criação de conteúdos e de relações sociais resultantes das interações dos agentes envolvidos neste processo de aprendizagem.

Acredita-se que esta proposta de modelo de organização pedagógica embasada na trílogia conceitual composta pelos constructos teóricos Conteúdos, Comunicação e Cultura Comunitária traz efeitos significativos e enriquecedores no processo de crescimento intelectual mútuo que envolve alunos e professores, dentro e fora da sala de aula, para o desenvolvimento de seres ativos e críticos da realidade que os cercam.

Referências

BIELSCHOWSKY, C. E. Tecnologia da informação e comunicação das escolas públicas brasileiras: o programa Proinfo Integrado. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 5, n. 1, dez. 2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012852.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2010.

BRANSFORD, J.; BROWN, A. L.; COOCKING, R. R. (Org.). **Como as pessoas aprendem:** cérebro, mente, experiência e escola. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 213-230, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a13.pdf>>. Acesso em 13 jul. 2011.

ENGESTRÖM, Y. Teachers as collaborative thinkers: activity-theoretical study of an innovative teacher team. *In*: CARLGREN, I; HANDAL, G.; VAAGE, S. **Teachers' minds and actions:** research on teachers' thinking and practice. London: Falmer Press, 1994.

FACCION, D. Processos de Interação na cultura da convergência. **Comtempo**, São Paulo, v. 2, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/view/7289/6884>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

GOMES, A. D. **Cultura organizacional:** comunicação e identidade. Coimbra: Quarteto, 2000.

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.



LAVE, J., WENGER, E. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2007.

_____. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1990.

LIMA, M. de F. M., PRETTO, N. De L. e FERREIRA, L. S. Mídias digitais e educação: tudo ao mesmo tempo agora o tempo todo. In: BARBOSA FILHO, André, CASTRO, Cosette e TOME, Takashi (Orgs.). **Mídias digitais**: convergência tecnológica e inclusão social. São Paulo: Paulinas, 2005.

MACHADO, A. C. T. Novas formas de produção de conhecimento: utilização de ferramentas da Web 2.0 como recurso pedagógico, **Revista Edusc Virtu@1**, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/udescvirtual/issue/view/191>>. Acesso em 12 jul. 2011.

MORAES, M. C. Tecendo a rede, mas com que paradigma? In: MORAES, M. C. (Org.). **Educação a distância**: fundamentos e práticas. Campinas-SP: Unicamp/NIED, 2002. p.1-25.

NEVADO, R. A.; MAGDALENA, B. C.; COSTA, I. E. T. Formação de professores multiplicadores: nte2@projetos.cooperativos.ufrgs.br. In: MORAES, M. C. (Org.). **Educação a distância**: fundamentos e práticas. Campinas-SP: Unicamp/NIED, 2002. p.51-70.

PIAGET, J. **Sobre pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SCHLEMMER, E. ; SACCOL, A. Z.; GARRIDO, S. Um modelo sistêmico de avaliação de softwares para educação a distância como apoio à gestão da EAD. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, n. 1, p. 77-91, janeiro/março, 2007.

SCHEIN, E. **Organizational culture and leadership**. São Francisco: Jossey-Bass, 1997.

SOARES, I. de O. La comunicación/educación como nuevo campo del conocimiento y el perfil de su profesional. **Humánitas - Portal temático em Humanidades**, n. 13, p. 11-36, 2000a. Disponível em: <<http://tallercomunicacionyeducacion.files.wordpress.com/2009/03/ismardeoliveirasoes.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2011.



_____. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, 19, p. 12-24, set./dez. 2000b. Disponível em:
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/4147/3888>>.
Acesso em: 6 jul. 2011.

SORJ, B. **Brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/Unesco, 2003.

SOUZA, M. I. F.; TORRES, T. Z.; AMARAL, S. F. Produção de conteúdos educativos baseada na aprendizagem significativa, **Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa RELATEC**, 9 (2), 2010, p. 89-105. Disponível em:
<<http://campusvirtual.unex.es/revistas/index.php?journal=relatec>>. Acesso em 13 jul. 2011.

TORRES, T. Z. et. al. **Construção de ambientes colaborativos para redes de pesquisa**: modelo para a Embrapa. In: CONFERÊNCIA IADIS IBERO-AMERICANA, 2010, Algarve. Actas... Algarve: Iadis, 2010. p. 339-343.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.